Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.142



Acervo Robério dos Santos

VOLTA SECA: o cangaço em canção

Aos 11 anos, Antônio dos Santos entrou para o bando de Lampião, sendo conhecido pela alcunha de Volta Seca. Saiu da prisão em 1952 e, cinco anos depois, gravou em disco as canções que fizera nas andanças pelo sertão. Em "Volta Seca – Canções do Cangaço", Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar dão novas versões a esse repertório, que chega às plataformas de streaming e em CD nesta sexta-feira, 13. Página 3

A rabeca comanda o baile

O olindense Macil Salú celebra 30 anos de carreira no Espaço BNDES com festa dançante de forrós, cúmbias, merengues autorais e releituras de mestres nordestinos

AFFONSO NUNES
Especial para o Correio da Manhã

O Espaço Cultural BNDES recebe nesta quinta-feira (12), às 19h, o show "Baile de Rabeca", do pernambucano Maciel Salú. A festa, inspirada nos antigos bailes dançantes do Nordeste, tem forrós, cúmbias e merengues autorais do músico e releituras de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, entre elas "Xexeu de Bananeira" e "A Morte do Vaqueiro".

No palco, Salú, voz e rabeca, será acompanhado por Gilberto Bala (bateria e zabumba), José Mário (percussão), Pedro Ferreira (baixo), Preta Kalua (percussão) e Sammy Barros (guitarra). São 22 músicas no repertório, do "Forró da Gasolina", que abre a noite, a "Pião e Carrapeta", com passagens ainda por "Chuva Miúda", de Assisão, e "Puxando Fogo", de Elino Julião.

Maciel Salú está completando 30 anos de carreira, a maior parte dedicada à preservação, à memória e à atualização da cultura popular de Pernambuco. Desde o início, em 1996, ainda no grupo da família Salustiano, lançou 12 álbuns, levou a música do seu estado a palcos de diferentes países e, em 2010, concorreu ao Grammy Latino com o projeto Orquestra Contemporânea de Olinda.

Rennan Peixe/Divulgação



Maciel Salú faz uma festa dançante inspirada nos antigos bailes nordestinos

Filho do Mestre Salustiano (1945-2008), o rabequeiro nasceu e foi criado na Cidade Tabajara, bairro de Olinda, em uma família de agricultores e Mestres da Cultura Popular. Cresceu entre maracatus, cavalos marinhos, cocos e cirandas — é hoje mestre de maracatu-rural, à frente do Maracatu Piaba de Ouro, e brincante de cavalo-marinho.

A rabeca que o levou aos palcos tem história própria. O nome era, inicialmente, a designação popular do violino, e virou também nome de um instrumento específico, com sua técnica, seu repertório e seus estilos de interpretação. Em Pernambuco, a partir dos anos 1990, a rabeca — que alguns pensavam estar à beira da extinção — viveu um renascimento. Salú é considerado o nome mais expressivo do instrumento em sua geração, e a sonoridade que constrói faz referência ao rebab, parente norte-africano da rabeca.

Na carreira solo, iniciada em 2003, foram cinco discos: "A Pisada É Assim" (2003), "Na Luz do Carbureto" (2007), "Mundo" (2010), "Baile de Rabeca" (2016) e "Liberdade" (2018). A lista de projetos inclui o Ano do Brasil na França (2005), o Projeto Pixinguinha (2007) e o Europalia.Brasil (2010). Em 2023, foi convidado de honra do Festival Printemps du Brasil, em Toulouse, na França, onde além do show ministrou workshop de rabeca. Mais recentemente, apareceu como convidado em gravações de Criolo e da Traditio Frevo Olinda.

SERVIÇO
MACIEL SALÚ – BAILE DE RABECA
Espaço Cultural BNDES (Avenida República do Chile, 100, Centro) | 12/11, às 19h
Grátis, com distribuição de senhas meia hora antes da apresentação

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Pretinho agita as quintas no Jockey Club

Divulgação



Pretinho da Serrinha comanda nesta quinta-feira (12) mais uma edição da Arena Samba, na Brava Arena Jockey (Praça Santos Dumont, 31, Gávea). O cavaquinista recebe convidados do samba em noites de quintas até o fim do ano. Na mesma noite, o grupo que ele fundou toca no Bar da Lapa, com roda de abertura às 19h e atração principal à meia-noite. A temporada ocupa o Jockey Club até 31 de dezembro.

Tainá Santos, uma voz autoral de São Paulo

Divulgação



Tainá Santos estreia no Manouche nesta quinta (12), em duas sessões, às 20h e às 22h — a primeira esgotou, e o clube abriu a extra. Paulista, percussionista e filha de terreiro, ela apresenta "Travessia", show que costura seus dois discos, "Tambores que Cantam" (2021) e "Adê" (2025), entre sambas de roda, cantigas da tradição oral e música contemporânea. R$ 160 e R$ 80 (meia).

A arte política de Naiara Martins no Rival

Divulgação



Naiara Martins estreia o show "Terras do Sem-Fim" nesta quinta (12), às 20h30, no Dolores Club. Nascida em São Gonçalo, ela é crítica literária indicada ao Prêmio Jabuti de Filosofia e apresenta o primeiro álbum, que reúne bossa, samba de cabula e canções com presença do iorubá e do kaiapó. No repertório, releituras e canções autorais. "Toda cultura é política. Toda arte é política", afirma Naiara. R$ 60 e R$ 30 (meia).

Celebração aos grandes mestres da Portela

Divulgação



Wanderley Monteiro apresenta o show "De Paulo a Paulinho: os grandes mestres da Portela" nesta quinta (12), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. A viagem parte de Paulo da Portela e atravessa Manacea, Candeia, Zé Kéti e Elton Medeiros até Paulinho da Viola, em sambas como "Preciso me Encontrar", "Mascarada" e "Coração leviano". Participam a Velha Guarda da Portela, Alaan Monteiro e Gabriel de Aquino. A partir de R$ 50.

O CANGACEIRO COMPOSITOR

Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar reinterpretam as canções do LP "Cantigas de Lampião" (1957), de Volta Seca; álbum chega às plataformas e em CD nesta sexta



Após o cangaço, Volta Seca registrou suas canções em vinil lançado em 1956

AFFONSO NUNES

Nesta sexta-feira, 13 de novembro, chegam às plataformas de streaming e ao formato CD "Volta Seca – Canções do cangaço" (Jasmin Music), o álbum em que Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar dão novas versões às canções de Antônio dos Santos, o Volta Seca, o mais jovem integrante do bando de Lampião.

O projeto propõe leituras contemporâneas para um registro saído em 1957 pela Todamérica: o vinil "Cantigas de Lampião", disco de dez polegadas no qual o próprio Volta Seca gravou oito canções de autoria creditada a ele, com orquestração do maestro Guio de Morais e narração do locutor Paulo Roberto, da Rádio Nacional. O novo álbum foi gravado em abril, no estúdio Jasmin, em Fortaleza.

Volta Seca nasceu em 1918, no agreste sergipano, filho de lavrador. Fugiu de casa, no povoado Guloso, hoje Novo Triunfo (BA), e, aos 11 anos, entrou para o bando de Lampião — o mais novo do grupo. Depois de dois anos intensos, em que acompanhou o início do romance do capitão com Maria Bonita, os bailes de sanfona e os confrontos com os inimigos do bando, foi preso em 1932: condenado a 145 anos de prisão, viu a pena ser reduzida para trinta e, por fim, para vinte.

Saiu em 1952, por indulto de Getúlio Vargas, mudou-se para o Rio, trabalhou na Estação Barão de Mauá, teve 13 filhos e, cinco anos depois de deixar a cadeia, gravou em disco as canções que aprendera dentro do cangaço — transformando-se no guardião da memória afetiva do cangaço.

A ideia partiu de Danilo Caymmi: "Depois de pesquisas que fiz sobre o tema, me surpreendi ao saber que o Volta Seca, que entrou para o cangaço ainda menino, com 11 anos, havia feito músicas, algumas delas com grande ternura. Fiquei com essa ideia de gravá-las um dia, com novos arranjos". A ponte entre os dois músicos se deu pela Editora Todamérica, que administra as obras de Volta Seca. "A nossa aproximação foi imediata: o Ricardo Bacelar gostou muito e decidiu produzir o álbum no estúdio dele, em Fortaleza. O trabalho ficou muito bonito, muito sólido", complementa Danilo.

Léo Soares/Divulgação



Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar resgatam no álbum o cancioneiro do cangaceiro que compôs 'Mulher Rendeira' e 'Acorda Maria Bonita'



Danilo e Ricardo se revezam nos vocais ao longo das nove canções do álbum, entre elas "Mulher Rendeira", "Acorda Maria Bonita", "Escuta Donzela", "Sabino e Lampião" e "Eu Não Pensei Tão Criança". A única fora do repertório do cangaceiro é "A Água Que Faltou no Céu", composta pela dupla com o letrista Luis Lima Verde durante a imersão no estúdio.

"Fizemos uma pesquisa profunda de ritmos nordestinos para criar novas abordagens para as canções, que possuem harmonias muito singelas. Primeiro pensei em trazer algo da estética da música armorial — que é uma vertente da música de concerto brasileira que mistura a erudição europeia com as tradições populares do Nordeste —, mas acabamos chegando numa sonoridade mais orgânica, mais contemporânea para esse repertório", pontua o multi-instrumentista e produtor Ricardo Bacelar.

Bacelar assina os arranjos das nove faixas, com a colaboração de Márcio Rezende em sete e de Estênio Gonçalves em um. O material gráfico traz pinturas originais encomendadas ao artista plástico Cadeh Juaçaba e uma biografia de Volta Seca assinada por Luiz Carlos Prestes Filho.

Retratado em livros, filmes, documentários e pesquisas acadêmicas, o cangaço desperta curiosidade até hoje — das lendas e da simbologia à estética das vestimentas, das histórias contadas de geração a geração. Em 2025, o curta-metragem documentário "Volta Seca a Favor do Vento. Cantigas de Lampião", de Marlon Delano, de 16 minutos, levou de volta as canções do cangaceiro à tela, na mostra do festival IN-EDIT Brasil, dedicada a documentários musicais. Danilo, carioca filho do baiano Dorival Caymmi, e Ricardo, cearense, quiseram abordar a música de Volta Seca como representante de um período importante da cultura nordestina e brasileira, e a opção foi tratar do tema estritamente pela vertente musical, deixando a pesquisa histórica para os pesquisadores.

"Para mim, que sou nordestino, é uma felicidade mergulhar nesse universo tão presente no ambiente onde eu nasci e cresci. Como além de músico sou advogado, elaborei, durante muitos anos, os contratos do acervo fotográfico da família de Maria Bonita e Lampião. Tenho muito carinho por Expedita e Vera (filha e neta do casal de cangaceiros)", conta Ricardo, que também obteve autorização das famílias de Lampião, Maria Bonita e Volta Seca para incluir fotos na edição física do projeto, além de imagens originais do fotógrafo Benjamin Abrahão usadas nos videoclipes de três canções do álbum, dirigidos por Gabriel Lage.

O álbum inaugura ainda uma parceria com a Todamérica. "Conversando com Vanisa Santiago, representante da editora, já estamos planejando um novo projeto para o começo de 2027, explorando novas vertentes musicais do arquivo precioso da editora", adianta Bacelar.

O personagem Volta Seca de "Capitães da Areia" (1937), romance de Jorge Amado, foi inspirado nele enquanto ainda cumpria pena. Ele morreu em 1997, aos 78 anos.

ENTREVISTA | **MOHAMED TAREK**

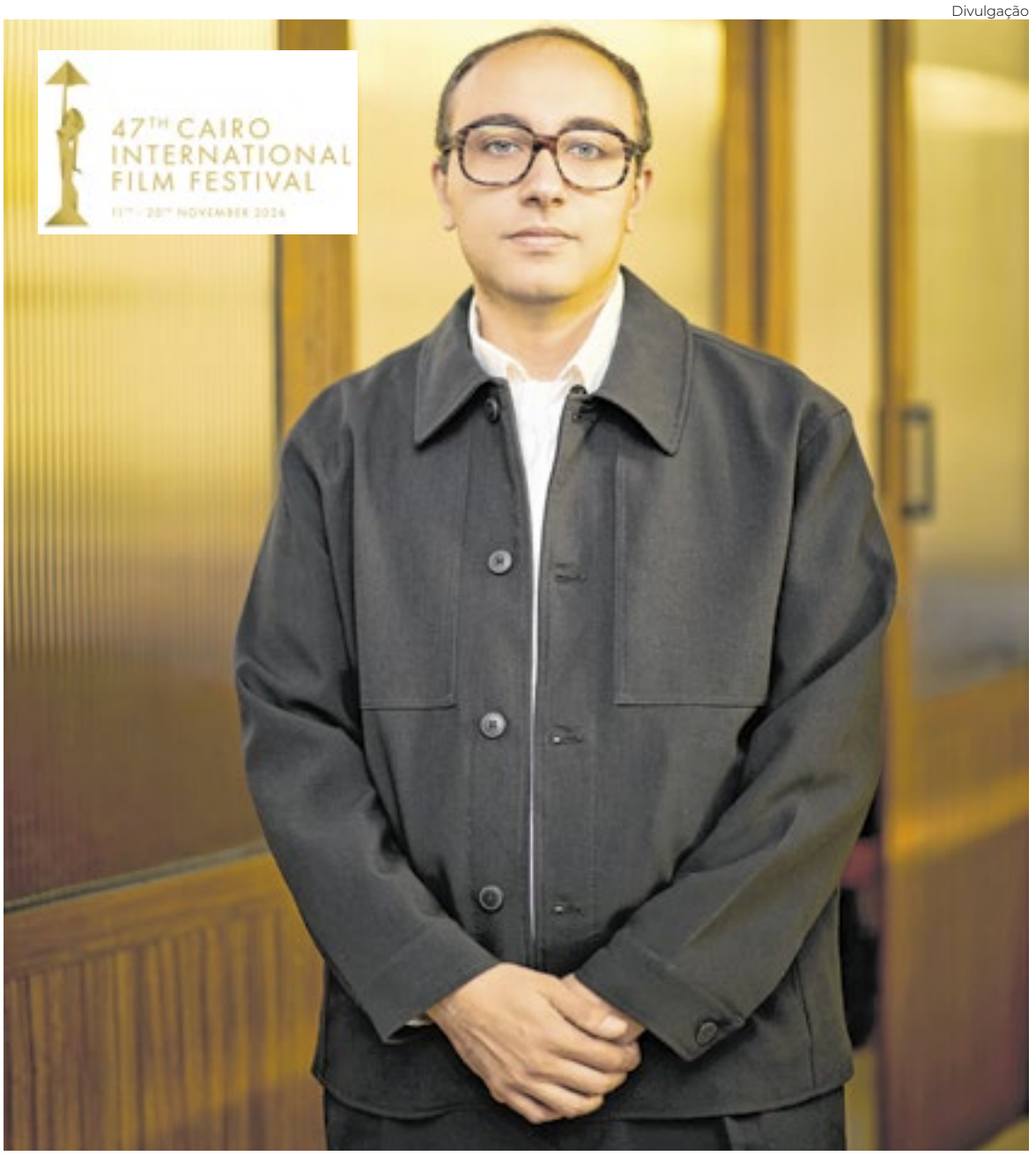
DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DO CAIRO E CRÍTICO DE CINEMA

'O cinema egípcio abraça formas diversas, do realismo social ao melodrama'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Sob as bênçãos dos faraós e sem o assombro das múmias da intolerância, o Festival do Cairo (ou CIFF, Cairo Internacional Film Festival) abre para o público egípcio, a partir desta quinta, as atrações de sua 47ª edição que escolhei começar de um jeito pop, com "Eu Sou o Rocky" ("I Play Rocky"), sobre o jovem Sylvester Stallone, como filme de abertura. A escolha partiu de um crítico de cinema que hoje é um expoente do mundo árabe em termos de reflexão crítica: o curador Mohamed Tarek. Ele assina a direção artística, pautado por um compromisso ético com o apoio tanto a talentos emergentes quanto a vozes artísticas já consolidadas. Há muitas atrações de peso em mostras paralelas, como potenciais concorrentes ao Oscar, como o russo "Minotauro" e o teuto-búlgaro "The Dreamed Adventure", ambos premiados em Cannes. Haverá ainda homenagem ao diretor italiano Matteo Garrone (de "Eu , Capitão"). Na conversa a seguir, Tarek festeja a saúde criativa do audiovisual de sua pátria – bem ativa na briga pelo troféu Pirâmide de Ouro - e bate palmas para o papel da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (a Fipresci).

Divulgação



Qual é o papel político e poético de uma curadoria que procura falar do Egito para os próprios egípcios e busca também apresentar o país ao mundo? De que maneira esse trabalho repensa os fundamentos estéticos do cinema egípcio contemporâneo?

Mohamed Tarek - Acredito que a relação mais significativa entre um festival de cinema e seu país começa pela compreensão da complexidade da identidade nacional. O Egito possui uma herança cinematográfica extraordinariamente rica, que moldou o imaginário de gerações em todo o mundo árabe. Nossa responsabilidade hoje é tratar esse legado como uma tradição viva, em constante evolução, e criar um espaço no qual os cineastas egípcios contemporâneos possam questioná-lo, reinventá-lo e ampliar suas possibilidades. A dimensão política da programação está nas escolhas que fazemos: quais histórias são contadas, quais experiências ganham visibilidade, a quais linguagens cinematográficas damos espaço e quais debates procuramos estimular. A dimensão poética está em permitir que o cinema expresse as complexidades da experiência humana por meio de imagens, gestos, silêncios e emoções capazes de atravessar fronteiras geográficas e culturais. Para mim, falar do Egito para os egípcios e falar do Egito para o mundo são movimentos profundamente interligados. Quanto mais honestamente um cineasta se dedica às particularidades da vida egípcia, maior é o potencial de sua obra para alcançar ressonância internacional.

Como alcançar plateias diferentes idades nesse movimento?

Nosso interesse é criar um diálogo entre diferentes gerações, entre a herança cinematográfica do país e a experimentação contemporânea, e entre cineastas consagrados e novas vozes. A programação deste ano, que reúne 145 filmes de 64 países, oferece ao cinema egípcio a oportunidade de dialogar com uma ampla variedade de práticas cinematográficas internacionais, ao mesmo tempo que afirma sua identidade própria. Vejo esse processo como uma renovação estética permanente. O cinema egípcio sempre teve capacidade de abraçar formas diversas, do realismo social e do melodrama a produções autorais e experimentais. Nosso papel é estimular os cineastas a redescobrir essa liberdade e desenvolver novas linguagens cinematográficas que surjam organicamente das realidades do Egito de hoje.

> *"O desafio de um crítico de cinema hoje é preservar a profundidade, a independência e a curiosidade intelectual da crítica, ao mesmo tempo que abraça as possibilidades oferecidas pelas novas mídias"*

De que maneira a visão curatorial de 2026 reflete os conflitos e as questões urgentes enfrentadas pelo Egito e pelos países vizinhos? Que mensagem você espera transmitir ao mundo ao escolher o belo "Eu Sou O Rocky" como filme de abertura?

O Egito ocupa uma posição geográfica e cultural singular, no cruzamento entre a África, o mundo árabe e o Mediterrâneo. Os conflitos e as transformações que acontecem ao nosso redor inevitavelmente passam a fazer parte da nossa consciência como programadores, cineastas e espectadores. As consequências humanas devastadoras da guerra em Gaza, o deslocamento de comunidades, a instabilidade vivida

Festival do Cairo abre para o público egípcio, a partir desta quinta, as atrações de sua 47ª edição que escolheu começar de um jeito pop, com a exibição de "Eu Sou o Rocky"

Para Tarek, a dimensão política da programação está nas escolhas feitas: quais histórias são contadas, quais experiências ganham visibilidade

em vários países da nossa região e as crescentes questões relacionadas à identidade, à migração e ao pertencimento são realidades das quais o cinema pode se aproximar com extraordinária sensibilidade. Nossa programação reflete essas preocupações por meio de filmes que investigam seus impactos na vida dos indivíduos. O documentário "For Life", de Ahmet Seven, uma coprodução turco-palestina, é um exemplo. Ele aborda a experiência de palestinos/as a partir do desejo de uma mulher de ser mãe em condições de encarceramento e separação. Já "In This Darkness I See You", do cineasta libanês Nadim Tabet, selecionado para a Competição Internacional, explora as tensões entre trabalhadores sírios e moradores de vilarejos de sua nação por meio da linguagem do cinema de gênero. Esses filmes demonstram como diferentes formas cinematográficas podem iluminar as realidades políticas e sociais da nossa região. Ao mesmo tempo, o cinema nos oferece a possibilidade de imaginar um futuro diferente. Nesse contexto a escolha de "Eu Sou o Rocky", dirigido por Peter Farrelly, ganha um significado especial.

De que forma?

O filme conta a história de um jovem Sylvester Stallone, interpretado por Anthony Ippolito, que escreveu "Rocky" e lutou para interpretar o personagem que havia criado, apesar dos enormes obstáculos que encontrou pelo caminho. É uma história sobre convicção artística, resiliência e coragem para acreditar na própria visão. Há também uma bela coincidência histórica. Em 1976, "Rocky" chegou pela primeira vez às telas de cinema, enquanto o Festival Internacional de Cinema do Cairo começava sua própria trajetória. Cinquenta anos depois, essas duas histórias voltam a se encontrar no Cairo, na abertura da nossa 47ª edição. Depois de sua estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Toronto, onde ficou em segundo lugar na disputa pelo Prêmio do Público, o longa de Farrelly chega ao Cairo com uma mensagem especialmente relevante para o momento atual: toda conquista significativa começa com um sonho, e a determinação de protegê-lo pode transformar a vida de uma pessoa, uma carreira artística ou até mesmo uma instituição inteira.

Como o cinema egípcio está se reconstruindo hoje por meio do Festival do Cairo? De que maneiras o evento abre novas oportunidades para a indústria?

O cinema egípcio atravessa um período de transição particularmente interessante. Estamos testemunhando o surgimento de uma nova geração de cineastas que traz perspectivas renovadas, explora diferentes formas de narrativa e constrói novas relações com o público e com a indústria cinematográfica internacional. Ao mesmo tempo, realizadores já estabelecidos continuam se reinventando e contribuindo para a evolução do nosso cinema. Acredito que o Festival Internacional de Cinema do Cairo tem um papel importante no apoio a essa transformação. Hoje, um festival precisa criar oportunidades que vão muito além da exibição de filmes finalizados. Pode se tornar um espaço onde projetos nascem, parcerias criativas são estabelecidas e cineastas adquirem o conhecimento e os contatos necessários para desenvolver suas carreiras. Este ano, estamos ampliando esse ecossistema com o programa New Wave, que recebeu mais de 850 inscrições e reúne 100 cineastas em início de carreira, incluindo 70 participantes de fora do Cairo. Essa diversidade geográfica é particularmente importante para nós.

Olhando para a tradição, qual filme fez você se apaixonar pelo cinema egípcio? E qual obra conseguiu apresentar melhor o Egito ao mundo?

Em termos pessoais, um dos filmes que me fizeram apaixonar profundamente pelo cinema egípcio foi "Alexandria... Por que?", de Youssef Chahine, lançado em 1989. Fiquei fascinado pela liberdade com que Chahine transitava entre autobiografia, reflexão política, fantasia, música e o próprio universo da realização cinematográfica. Quanto ao filme que melhor apresentou o Egito ao mundo, escolheria "A Noite da Contagem dos Anos" ("Al-Momia"), de Shadi Abdel Salam, lançado em 1969. Sua extraordinária linguagem visual, a relação profunda com a história egípcia e as reflexões sobre memória, identidade e nossa responsabilidade diante do passado fazem dele uma obra-prima verdadeiramente universal.

Como a Fipresci, com sua influência simbólica, redefine o papel da crítica cinematográfica em suas dimensões jornalística, política e artística?

A influência da Fipresci vem do compromisso com o julgamento crítico independente e da capacidade de reunir profissionais de origens culturais, linguísticas e cinematográficas das mais diferentes. O Prêmio Fipresci tem um significado particular pois representa o reconhecimento de pessoas cuja profissão se baseia na análise cuidadosa do cinema como linguagem artística, fenômeno cultural e forma de expressão. Essa distinção pode ajudar a apresentar cineastas emergentes e obras singulares ao público internacional, a distribuidores e a programadores de festivais.

O que significa ser crítico de cinema hoje, na era do TikTok e das plataformas de streaming?

A crítica cinematográfica sempre ocupou uma posição interessante na interseção entre jornalismo, arte e política. Sua responsabilidade jornalística está em observar, documentar e contextualizar o que acontece na cultura cinematográfica. Sua responsabilidade artística está em compreender e interpretar a linguagem do cinema. Sua dimensão política aparece no envolvimento com questões de representação, identidade, poder e relação entre cinema e sociedade. Hoje, todas essas responsabilidades se tornam cada vez mais importantes. O TikTok, as redes sociais e as plataformas de streaming transformaram a maneira como os filmes são descobertos, discutidos e consumidos. O público tem acesso a mais cinema do que nunca, e as conversas sobre filmes se tornaram mais imediatas e diversificadas. Essas mudanças também criaram oportunidades para uma nova geração de críticos alcançar espectadores por meio de formatos inovadores. No entanto, a velocidade da comunicação digital e a pressão por visibilidade determinada pelos algoritmos podem estimular reações instantâneas, julgamentos simplificados e uma cultura de classificações permanentes. O desafio de um crítico de cinema hoje é preservar a profundidade, a independência e a curiosidade intelectual da crítica, ao mesmo tempo que abraça as possibilidades oferecidas pelas novas mídias. Um vídeo curto pode oferecer uma perspectiva crítica verdadeiramente perspicaz, assim como um ensaio longo pode explorar as diversas camadas de um filme complexo. O valor da crítica está na qualidade da observação, na originalidade do pensamento e na capacidade do crítico de enriquecer nossa compreensão do cinema. Em uma época em que os algoritmos influenciam cada vez mais aquilo a que assistimos, a voz independente do crítico se torna uma parte vital da nossa liberdade de descobrir o cinema.

CONCORRENTES À PIRÂMIDE DE OURO DE 2026

Divulgação



'Heysel 85' é um dos 12 concorrentes à Pirâmide de Ouro de 2026

"Al Baraneya", de Ashgan El-Hamus (Egito/Holanda/Bélgica/Arábia Saudita);

"BerleeN_", de Ahmad Abdalla (Egito/Alemanha);

"Four Minus Three", de Adrian Goiginger (Áustria/Alemanha);

"Heysel 85", de Teodora Ana Mihai (Bélgica/Holanda/Alemanha);

"In This Darkness I See You", de Nadim Tabet (Líbano/França/Catar);

"Inherited", de Morteza Alizadeh (Irã);

"Love Is the Monster", de Neto Villalobos Brenes (Costa Rica/Peru/Panamá/Chile/México); "Strawberries", de Laïla Marrakchi (Marrocos/França/Espanha/Bélgica);

"The Ballet Lesson", de Kazuya Murayama (Japão);

"The Green Eyes", de Fanny Liatard e Jérémy Trouilh (França/Bélgica/Suécia);

"Words of Love", de Rudi Rosenberg (França);

"Yugo Goes to America", de Filip Grujic e Aleksa Borkovic (Sérvia/Croácia).

Claire Folger/Amazon Content Services



'Eu Sou o Rocky' é o longa de abertura do festival egípcio

Numa galáxia chamada Caviflix...

Agitador cultural com histórico vitorioso no judô, Cavi Borges celebra seus 51 anos com uma boa ideia: lançar um longa e, de quebra, um curta

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



O calvário de Cavi Borges na pandemia é o eixo de 'Andrômeda'



Cavi e Patrícia Niedermeier nas filmagens do longa

Apelidado de "Netflix viva", às vezes "Caviflix", o multi-homem Carlos Vinícius Borges, judoca, cineasta, produtor, agitador cultural e guardião de um acervo audiovisual gigantesco nas Casas Casadas, sopra 51 velinhas de aniversário nesta quinta-feira. A festa, como tudo o que ele faz, vai virar cinema... num cinema, o Estação Claro Gávea.

A partir das 19h30, em meio ao festival Lumen, ele vai celebrar seu natalício, comemorar as três décadas de atividade sua produtora, a Cavídeo, e vai exibir suas novas criações: "Andrômeda", seu novo longa-metragem de ficção, rodado em duo com sua musa e companheira de vida, a atriz, realizadora e bailarina Patrícia Niedermeier, e o curta "Cartas para a Rian". Essa pílula é inspirada na trajetória da artista gráfica Nair de Tefé (1886-1981) e na memória do antigo Cine Rian.

A sessão terá continuidade na sexta-feira, nas (já citadas) Casas Casadas, reafirmando uma relação afetiva entre o realizador e um circuito de exibição que ele próprio ajuda a preservar. Em outubro, ele foi homenageado também no Estação Gávea com a projeção de um documentário sobre sua obra, "O Cinema Possível", de Luiz Carlos Lacerda, o Bigode.

"Este ano foi muito importante para a minha vida e para a Cavídeo, sobretudo pela minha entrada no Cine Brasil TV, canal criado pela cineasta Tereza Trautmann e que agora passa por uma reformulação editorial", diz Cavi ao Correio da Manhã, assegurando que sua intenção na televisão é preservar o protagonismo histórico de Tereza (diretora do lendário longa "Os Homens Que Eu Tive"), mesmo com a nova equipe assumindo as decisões cotidianas. "Ela representa uma geração importante. É uma mulher cineasta que criou um canal. A gente não queria tirar isso dela. É como se fosse a rainha da Inglaterra, enquanto nós somos os primeiros-ministros que fazem as coisas acontecerem", comenta.

A nova programação do canal inclui uma série de dez episódios sobre cinemas de rua, prevista para dezembro, com cada capítulo dedicado a uma sala que ajudou a construir a memória cultural das cidades. O projeto dialoga diretamente com "Cartas para a Rian", curta que abre a sessão comemorativa no Estação Claro Gávea e integra uma investigação audiovisual sobre espaços de exibição que desapareceram ou tiveram sua história apagada.

"A preservação da memória das salas de cinema é também uma forma de reconhecer a importância da experiência coletiva de assistir a filmes, num momento em que a exibição se fragmenta entre plataformas e telas domésticas", explica Cavi.

Outro projeto que mobiliza a produtora é a websérie "Intrépida Trupe: 40 anos em 40 vídeos", realizada em parceria com o grupo carioca de teatro e circo contemporâneo. A iniciativa celebra quatro décadas de trajetória da companhia e amplia uma colaboração que já vinha sendo desenvolvida ao longo deste ano. Para Cavi, são trabalhos que traduzem a vocação da Cavídeo para circular entre diferentes linguagens, sem abrir mão de uma identidade construída na experimentação e na produção independente. "Estamos na luta, apesar de todas as dificuldades, seguindo e vivendo de cinema", resume.

O grande acontecimento cinematográfico dessa nova fase, porém, é "Andrômeda", longa dirigido por Cavi em parceria com Patrícia, desenvolvido ao longo de dois anos e inspirado numa experiência que mudou sua vida. Em 2021, o cineasta contraiu Covid-19, passou um mês internado e permaneceu dez dias entubado. Durante o período de inconsciência, atravessou sonhos, delírios e visões que se transformaram na matéria-prima de uma ficção sobre os limites entre a vida e a morte.

"Quando fui hospitalizado, tive muitos sonhos, muitas visões. Parecia que eu estava numa espécie de nave espacial, dentro de uma redoma de vidro que me impedia de sair. Foi a partir desses delírios que tivemos a ideia de fazer o filme", explica Cavi.

A trama de "Andrômeda" acompanha um casal que, em meio à pandemia, decide se isolar num sítio para escapar do contágio. Ela, interpretada por Patrícia, é cineasta; ele, vivido por Márcio Vito, é escritor, intelectual e pesquisador. Quando surge a oportunidade de realizar trabalhos audiovisuais durante a crise sanitária, a personagem aceita a proposta por necessidade financeira, acaba contraindo o vírus e precisa ser internada. A partir da intubação, a narrativa abandona progressivamente o território realista e mergulha numa dimensão imaginária, uma espécie de outra galáxia entre a existência e o desaparecimento, batizada de Andrômeda. Há uma inversão deliberada em relação à experiência biográfica do diretor: na vida real, foi Cavi quem adoeceu; na ficção, a personagem de Patrícia ocupa esse lugar.

A estrutura do longa também estabelece um diálogo com "A Divina Comédia", de Dante Alighieri, dividindo a narrativa em três movimentos: purgatório, inferno e paraíso. Jorge Caetano interpreta uma figura que conduz a protagonista pelo limiar entre a morte e a possibilidade de retorno, evocando o barqueiro da tradição mitológica e literária. O elenco reúne ainda participações de Stella Lizarra, Marina Trindade, Francisca de Oliveira e Cris Marink, esta última numa personagem que recupera, pela ficção, o papel fundamental desempenhado pela irmã de Cavi durante sua internação. Patrícia e Márcio Vito formam o núcleo central da história, numa construção que mistura lembranças pessoais e afetos.

"A gente filmava um mês, duas diárias, depois parava. No mês seguinte, filmava mais duas diárias. Íamos fazendo quando dava, quando os atores podiam e quando entrava uma grana", relata Cavi. Esse processo, que poderia ser visto como uma limitação, acabou oferecendo ao diretor a possibilidade de amadurecer as cenas durante a própria realização. Cada sequência era filmada, editada e revista antes que a equipe decidisse avançar. O roteiro, inicialmente concebido como uma ideia geral, foi ganhando forma ao longo dos dois anos de trabalho.

"É a família Cavídeo em ação", festeja o aniversariante. "Cavídeo em fabulação".

ABRE-ALAS DO CORREIO

SÉRIE ESPECIAL
DOS ENREDOS DE 2027

UNIDOS DA TIJUCA

Uma cabeça, muitas promessas e um causo nordestino na Sapucaí

Depois de Carolina Maria de Jesus, a Tijuca leva à Sapucaí outro best-seller: 'A Cabeça do Santo', de Socorro Acioli, na estreia do carnavalesco Lucas Milato

Alex Ferro/Riotur



Imagem do desfile da Unidos da Tijuca carnaval no carnaval 2026; agremiação será a segunda escola da segunda

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

Com a estreia de Lucas Milato e o romance de Socorro Acioli no desfile, a Tijuca leva à Sapucaí um santo sem corpo, um sertão com humor e a fé de quem pede com a cara e a coragem. Em Caridade, no interior do Ceará, existe uma estátua de Santo Antônio gigante que ficou décadas sem ser finalizada. A obra começou nos anos 1980, esbarrou num problema de planejamento e deixou a cabeça separada do resto da estátua, olhando o mundo sem pressa.

Uma escritora cearense olhou aquela cabeça e viu outra coisa: um quarto. Foi dentro dela que Socorro Acioli abrigou Samuel, o rapaz que atravessa o sertão para atender ao último pedido da mãe — encontrar o pai — e acaba descobrindo que sabe ouvir as orações de quem sobe ali para pedir um amor.

O garoto, que não é bobo, transforma o dom em negócio e passa a promover casamentos. "A Cabeça do Santo" saiu pela Companhia das Letras em 2014, nasceu numa oficina com Gabriel García Márquez e virou o título mais procurado na plataforma de leitura do MEC. A Unidos da Tijuca o escolheu como enredo e anunciou a novidade em abril, no Dia Nacional da Biblioteca, com um texto bem-humorado, de contação popular, em que a Sapucaí aparece como "milagre de carnaval".

Cabem romarias, promessas, simpatias, ex-votos e a festa junina do padroeiro, sob a bênção de uma "tríade sertaneja da fé": Santo Antônio, Padim Ciço e São Francisco. A sinopse termina com uma frase que cai bem em qualquer arquibancada: "Um povo que acredita é livre pra sonhar, e o tempo de sonhar é em cima da terra."

Quem desenha toda essa história é Lucas Milato, arquiteto de formação, que subiu degrau por degrau. Foi campeão da Série Prata com a Unidos da Ponte em 2018 e, em 2024, levou a Unidos de Padre Miguel ao título da Série Ouro com "O Redentor do Sertão", devolvendo a escola ao Especial depois de mais de cinco décadas. O sertão, como se vê, faz bem a ele. Chegou à Tijuca em fevereiro de 2026 e resumiu a estreia sem cerimônia: "É de uma felicidade indescritível assumir o carnaval da Unidos da Tijuca." É o quarto carnavalesco da escola em seis carnavais, depois de Jack Vasconcelos, Alexandre Louzada e Edson Pereira.

A Tijuca precisa de milagre com método. Foi tricampeã do Grupo Especial em 2010, 2012 e 2014, na era em que Paulo Barros transformou o desfile em teatro de rua. Nos cinco últimos carnavais, ficou três vezes em nono, uma em 11º e outra em sétimo lugar. Em 2024, terminou a um degrau da queda. Em 2026, com Carolina Maria de Jesus, somou 268,7 pontos e perdeu o Desfile das Campeãs por uma posição. Ou seja, está doida pra pedir uma bênção ao santo.

O samba chegou na madrugada de 13 de setembro, depois de uma disputa com 15 parcerias, sem torcida organizada nem videoclipes, e com a autora do livro na plateia. Venceu o trio Ian Ruas, Caio Miranda e José Carlos, que na mesma noite ainda levou o samba do Salgueiro, uma dobradinha rara. Marquinhos Art'Samba segue como intérprete, e a rainha de bateria é Mileide Mihaile, que chegou a anunciar a saída em maio e voltou atrás em outubro. Entre os finalistas estava até um padre de Caridade, Felipe Calisto, o que dá uma ideia da devoção local.

A Tijuca será a segunda escola da segunda-feira, 8 de fevereiro, logo depois da Mocidade. Depois de um manifesto que vira o mapa de cabeça para baixo, entra uma reza de pé no chão. Milagre, aliás, é a palavra que a escola escolheu para a própria Avenida. Resta combinar com os jurados.



FICHA TÉCNICA

ESCOLA: G.R.E.S. Unidos da Tijuca
FUNDAÇÃO: 31 de dezembro de 1931
CORES: azul e amarelo
PRESIDENTE: Fernando Horta
ENREDO: "A Cabeça do Santo"
DESFILE: segunda-feira, 8 de fevereiro de 2027 (2ª escola da noite)
CARNAVALESCO: Lucas Milato
PESQUISA E SINOPSE: Lucas Milato, Leandro Thomaz e Thayssa Menezes
DIRETORES DE CARNAVAL: Gabriel Mello e André Gonçalves
INTÉRPRETE: Marquinhos Art'Samba
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Marcinho e Cris Caldas
BATERIA: mestre Casagrande
RAINHA DE BATERIA: Mileide Mihaile
COMISSÃO DE FRENTE: Bruna Lopes e Ariadne Lax
TÍTULOS NO GRUPO ESPECIAL: 2010, 2012 e 2014

SAMBA-ENREDO

COMPOSITORES: Ian Ruas, Caio Miranda e José Carlos

Mainha do céu, vem me abençoar
Mainha me guarda em teu colo
A luz da saudade vagueia no olhar
No brejo, a casinha, o sereno
Memórias que o tempo não pode apagar
A fé que deixaste a mim acalma a solidão
Ainda que o medo machuque meu coração
Delírios plantados em terra rachada florescem
Num rastro de dor

Será que a estrada esconde o segredo do amor?
Será que a estrada revela o segredo do amor?

Vá de retro Belzebu, não me venha assombrar
Padim Ciço me proteja, São Francisco vai curar
Nas veredas da ilusão, o sertão já virou mar
Quem cultiva caridade, caridade vai achar

Ê, batuque em terreiro de arraiá
Gingado, balão, festim, panela de mugunzá
Abre a roda que o cabra incorporou
Cabeça do Santo herdei, Cabeça do Santo sou

Preces de nativas em cortejo
Vozes de esperança e devoção
Guiado pelo fogo do desejo
Ofereço minhas bênçãos à mais pura adoração

Ô Toinho, meu pai, peço perdão
Ô Toinho, meu pai pede perdão

Tijuca, ao lume do teu candeeiro
O sonho de um simples vaqueiro
Que mãe batizou Samuel
Tijuca, milagre encontrei em Rosário
No Rio, em teu santuário
Meu Juazeiro é o chão do Borel

Em terra de fé, brotou
O fruto da oração
Traz viola, meu sinhô, a sanfona anunciou
Tem festança no sertão
(Vem sambar no meu baião)

SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Impressões sobre o fim do mundo (agora no dia 17)

Imagem criada pela IA GPT Image 2.5 Sunburst



A notícia chegou ao Rio do jeito que chegam as notícias importantes: num áudio de sete minutos da tia, no grupo da família, entre um "bom dia" e uma corrente de oração. Dia 17 de novembro, terça-feira, o mundo vai apagar. Uns falam em ataque hacker, outros em pane global. Tem quem jure que os Simpsons previram, aquela família amarela com cara de quem pegou sol no Posto 9 sem protetor.

O carioca ouviu tudo com atenção e fez a única pergunta que interessava:

— Vai ser ponto facultativo?

Porque o problema não é o fim do mundo. É a data. Terça-feira, minha gente. Três dias antes do feriado da Consciência Negra, que cai numa sexta. O sujeito passa o ano planejando o feriadão e vem o apocalipse atravessar o samba.

Imaginemo-nos na segunda, véspera do fim. A cidade acorda lamentando, afinal, já não vai ter rolado o feriado dia 15, que caiu num domingo. Em Campo Grande, o primeiro meme circulou antes do café: "Apagão mundial? Isso tem aqui dia sim, dia não." Outro morador gravou vídeo ensinando aos europeus como se vive no escuro. Primeiro você liga pra Light. Depois, reza. No Leblon, a aflição era outra: sem luz, como é que o porteiro vai interfonar? Quanto ao ataque hacker, ninguém se assustou. Hacker que se preze desiste na tela de espera do site do Detran.

O carioca é o único bicho do planeta capaz de marcar um chope para depois do fim do mundo. E chegar atrasado.

Assustada mesmo, só a Rosimeri, a Meri do Méier. Acreditou desde o primeiro áudio e foi ao Guanabara com dois carrinhos e o cunhado. Voltou com cinquenta quilos de arroz, feijão para alimentar uma ala inteira da Mangueira, papel higiênico que dá duas voltas no Maracanã, rádio de pilha, pilha para o rádio e pilha reserva para a pilha. Levou ainda vela de sete dias, sardinha em lata, lanterna, galão de água que dava para lavar a Sapucaí e um apito, que até agora ninguém sabe para quê. Empilhou tudo no quartinho dos fundos e batizou de bunker. O síndico já convocou assembleia extraordinária para decidir se o bunker da Meri é área comum (lá ele!).

Teve quem ligasse pra ex, quem se declarasse pra vizinha do 302 e um único herói, em Olaria, que devolveu, às lágrimas, o pirex da sogra, emprestado desde 2019.

No botequim do Almir, na Tijuca, a malandragem chegou cedo com uma tese jurídica. Se amanhã o mundo acaba, a plaquinha "Fiado só amanhã" perdeu o objeto. Logo, pendura-se hoje. Almir, português de Trás-os-Montes com quarenta anos de balcão, claramente ficou na dúvida. Imaginou que, desta vez, os clientes malandros estariam certos. Na mesa do canto, o debate era se campeonato interrompido por fim do mundo vale título. Cada um defendia o regulamento conforme a posição do seu time na tabela.

Na praia, o ambulante do mate com Biscoito Globo dobrou o preço e explicou: último biscoito da história, freguês, tem que valorizar. No Arpoador, a multidão foi se despedir do sol. Aplaudiu de pé, como sempre, e pediu bis. O sol, carioca também, prometeu voltar amanhã. Sem compromisso.

Na quadra, a ala de compositores fez um samba em quarenta minutos e o carnavalesco anunciou o enredo de 2027 assim mesmo: "O fim do mundo segundo a tradição Nagô". A bateria ensaiou até de madrugada, e o mestre pediu capricho na paradinha. Se é pra ser a última, que o mundo pare junto. A diretoria pediu à Liesa para adiantar o desfile. Pois, se é pra acabar, que o mundo acabe em carnaval.

Na Câmara, os vereadores aprovaram em regime de urgência o ponto facultativo do dia 17. Foi a votação mais rápida da história da Casa.

Lá em cima, o Cristo, de braços abertos desde 1931, ganhou figurinha nova no zap: "Pode vir, que eu já tô em posição."

E a noite caiu. O carioca fez o que faz em toda véspera importante: marcou com os amigos pra depois. "Quarta a gente se encontra no Almir." O carioca é o único bicho do planeta capaz de marcar um chope para depois do fim do mundo. E chegar atrasado.

Agora, se o mundo, teimoso, amanhecer inteirinho no dia 18, o Almir que se prepare. Tem malandro na Tijuca ensaiando a frase desde já:

— Ô, seu Almir! Chegou o amanhã. Pendura aí.